

AValiação e Formação de Professores: tendências e estratégias

Kathleen Tattersall*

A avaliação é um meio para verificarmos se o currículo determinado pelo governo está sendo efetivamente ensinado. A avaliação é o eixo central das estratégias do governo do Reino Unido para elevar os padrões de desempenho nas escolas. A cooperação dos professores é essencial. Eles são os árbitros finais do currículo na sala de aula e têm um papel importantíssimo a desempenhar na avaliação dos alunos. Alguns professores do Reino Unido estão bem preparados para este papel, pela experiência adquirida como examinadores e moderadores no sistema de exames públicos. Outros não têm tal experiência. Espera-se, porém, que todos os professores se utilizem da avaliação como um instrumento para o estabelecimento de metas para os alunos, a aferição do progresso e do sucesso dos alunos e para medir os resultados de suas estratégias de ensino/aprendizagem. Este documento descreve o trabalho dos professores como avaliadores e examina as competências e o treinamento de que necessitam para desempenhar esse papel.

Os professores têm que prestar contas aos pais dos alunos e às comunidades, tanto do local quanto do país. Encontram-se, eles mesmos, sob escrutínio, como objeto de avaliação por parte de po-

Diretora Executiva do Northern Examinations and Assessment Board, Inglaterra.

líticos, inspetores escolares e do público em geral. Neste trabalho discutimos as evidências que são utilizadas para avaliar os professores e tecemos considerações sobre as melhorias na formação inicial e continuada, e no treinamento que são necessários para que os professores se tornem mais confiantes e mais eficientes.

Formação de professores e o papel do professor no processo de avaliação

Os professores são o mais precioso recurso existente no sistema educacional. São a ponte entre a política governamental e sua transposição para a realidade prática. São os que se encontram em melhor situação para avaliar o trabalho dos alunos e elevar os níveis de desempenho e realização. É importante que os professores venham para sua função bem preparados. Uma boa preparação implica bom planejamento por parte da administração nacional, incluindo a previsão de tendências curriculares e de avaliação. Com muita frequência, a formação dos professores, principalmente a *Capacitação Inicial do Professor*, está voltada para as necessidades de ontem. Portanto, com muita frequência, os professores vêm para a sala de aula mal equipados para enfrentar mudanças de currículo e sem as competências necessárias para desempenhar seu papel de avaliadores. As vezes, nem a formação inicial, nem a continuada, dos professores consegue acompanhar a rapidez das mudanças. Sem as competências adequadas e necessárias, os professores tendem a se sentir pouco confiantes e podem apresentar maior resistência às mudanças. O bom treinamento é um pré-requisito para um magistério confiante e para a cooperação dos professores em novas iniciativas.

A introdução do *Currículo Nacional* em 1988 trouxe à luz estes fatores no Reino Unido. O novo currículo deixou de levar suficientemente em conta o grau de competência e especialização que existia nas salas de aula e o treinamento necessário para dar aos professores as habilidades de que iam precisar para implementar a política governamental. O Currículo Nacional foi definido em termos de matérias, algumas das quais, como Inglês e História, estavam bem consolidadas no currículo, outras, como Tecnologia, eram novas no currículo. Nem todos os professores do país eram especialistas na matéria, ou tinham o necessário conhecimento atualizado do assunto. Tradicionalmente, as escolas primárias (para crianças com idades entre 5 e 11 anos) têm professores que não são especializados em alguma matéria, cujo treinamento foi voltado para o ensino do currículo total. O grau de especialização exigido pelo Currículo Nacional criou problemas, principalmente em áreas como Ciência e Tecnologia. Conforme constatou o Relatório Anual de 1993/1994 do Office for Standards in Education (OFSTED),

Principalmente no Estágio-Chave nº 2 (criativas de 11 anos de idade), o ensino mais fraco geralmente foi causado pelo fato de que o professor não tinha um domínio seguro da matéria que estava sendo ensinada.

A reorientação da Capacitação Inicial dos Professores, a fim de promover essa especialização, vai exigir tempo e recursos. É um desafio que deverá ser enfrentado pela recém-criada agência do governo que supervisiona e planeja a formação dos professores, a Teacher Training Agency (Departamento de Formação de Professores). Os recursos necessários terão que ser fornecidos, a fim de recrutar e treinar professores, em quantidades e tipos que forem necessários. A Capacitação Inicial dos Professores vai se voltar

para as necessidades futuras. Nesse meio tempo, torna-se necessário algum apoio em serviço, para corrigir atuais deficiências, com auxílio financeiro através de bolsas do governo central. As escolas estão também tendo que procurar maneiras para redirecionar seus recursos e reorganizar seus horários de aulas a fim de enfrentar as mudanças.

A falta de professores especialistas não está limitada ao nível primário da educação. Nas escolas secundárias (idades de 11 a 16), normalmente o ensino é feito com base nas matérias o que, superficialmente, se encaixa bem na filosofia e na abordagem do Currículo Nacional. Entretanto, o Currículo Nacional implicou a redefinição de algumas matérias e a introdução de outras, no currículo. Estas mudanças exigiram também que os professores adquirissem rapidamente novas competências e especializações. Muitos professores do Reino Unido acharam difícil acompanhar o ritmo das mudanças e alguns abandonaram a profissão, agravando a falta em algumas áreas de conhecimento.

O desafio de recrutar e dar novo treinamento aos professores, principalmente em áreas carentes, chega numa hora em que o recrutamento para capacitação inicial de professores no Reino Unido sofreu uma queda. Há indicações de que essa queda é especialmente evidente em Línguas, Ciência e Tecnologia, todas consideradas pelo governo como muito importantes para o futuro sucesso comercial do país. Há também algumas evidências, a partir de pesquisas realizadas em avaliação, de que essas matérias são consideradas difíceis pelos alunos. Existe o perigo de que um número decrescente de alunos escolha essas matérias, além do ensino compulsório, e que um número ainda menor se disponha a ensiná-las.

O governo precisa criar estratégias para encarar este problema. Poderia adotar as seguintes soluções possíveis:

—Fornecer treinamento melhor aos professores das áreas de conhecimento mais carentes, para despertarem o interesse dos alunos.

—Melhorar o conteúdo dos exames e os métodos de avaliação, de forma a tornar as matérias mais agradáveis para os jovens, sem deturpar os padrões.

—Melhorar a imagem do professor. Se os professores não forem valorizados pela sociedade, muito poucos serão atraídos para a profissão. "Valorizar implica também ser bem remunerado. No Reino Unido, o magistério não é um emprego bem pago. Melhorias de salário e de condições para todos os professores dependem de que sejam investidos mais recursos na educação, numa época em que o governo tem como objetivo reduzir os gastos públicos.

—Direcionar incentivos financeiros para áreas de conhecimento específicas, a fim de atrair aqueles que de outra forma não ingressariam na profissão do magistério.

Nenhuma dessas estratégias está desprovida de riscos. Algumas delas, como os salários diferenciados, poderiam causar dissensão e alienar as próprias pessoas cujo apoio é necessário. Tudo isso leva tempo e dinheiro para dar resultado.

O Currículo Nacional também levantou questões sobre metodologia de ensino. O currículo é previsto para estudantes de todos os graus de habilidades. Planejar, ensinar e administrar um currículo

execuível e coerente e fazer uma previsão de avaliação para todos os alunos são tarefas desafiadoras para os professores. É tentador julgar o sucesso dos professores unicamente em termos do sucesso de seus alunos nos exames. Isso poderia resultar em que as necessidades dos alunos com baixo rendimento sejam ignoradas. A apresentação de técnicas para se conseguir o engajamento do interesse desses alunos — a quem o professor Michael Barber, no Reino Unido, descreveu como "os estudantes desprovidos de privilégios, insatisfeitos e muitas vezes desaparecidos" — geralmente é omitida nos treinamentos, tanto iniciais como em serviço, de professores. No Reino Unido, estamos hoje nos perguntando qual o valor relativo do *ensino de habilidade mista ou relacionado a habilidades*. O *ensino de habilidade mista* tem sido o preferido de muitos professores. O *ensino relacionado a habilidades* parece estar mais de acordo com as especificações detalhadas do Currículo Nacional, que diferenciam dez níveis de rendimento. OFSTED, a inspetoria governamental, concentrou sua atenção sobre este ponto nos relatórios que enviou às escolas e parece ser favorável a uma abordagem diferenciada na organização escolar. O treinamento de professores ainda tem um bom caminho a percorrer, a fim de preparar os professores adequadamente para lidar com alunos de todos os tipos de habilidades e aptidões.

O Currículo Nacional também espera que os professores façam o papel de avaliadores. Alguns professores já adquiriram as competências necessárias em avaliação para desempenhar seu papel de maneira efetiva, por suas atividades nas bancas examinadoras. Os professores preparam provas, dão notas nos exames e fazem o papel de moderadores. A maior parte dos exames inclui alguns elementos da avaliação feita pelo professor, sobre o trabalho realizado pelos alunos durante o curso. Os professores julgam os níveis

de rendimento alcançados pelos alunos e as notas que devem ser dadas a eles.

Não tem sido fácil para os professores que não trabalharam com bancas examinadoras assumir o papel de avaliador, uma vez que a Capacitação Inicial de Professores é muito fraca neste aspecto. Essa capacitação tem se concentrado na preparação dos professores para *ensinar*, e não para *avaliar*, ignorando a relação entre o bom ensino e a avaliação, e agindo como se a avaliação pudesse ficar à parte da educação. A avaliação é importante demais para ser deixada para os testes de fim de curso preparados por agências externas. Os professores precisam ser envolvidos em todos os tipos de avaliação na sala de aula. Precisam, portanto, contar com habilitação para observar os alunos e interpretar os níveis de rendimento que eles atingem.

Os comentários seguintes, tirados de relatórios do governo, dão uma indicação de como as habilidades de avaliação vêm sendo negligenciadas há anos:

— É evidente que no caso tanto dos professores primários como dos secundários,... o ponto fraco mais comum parece ser a incapacidade de avaliar o trabalho dos alunos e adaptar os métodos e materiais de ensino às necessidades deles, principalmente onde existe uma grande gama de habilidades, aptidões ou meios culturais... Deve ser dada mais atenção a esta área da preparação profissional durante o treinamento ou capacitação (*The New Teacher in School: HMI Series, Matters for Discussion*, 1982).

— O treinamento em avaliação, registro e apresentação de relatórios. embora esteja melhorando, continua a ser a parte mais fraca dos cursos.

— Os professores precisam de melhores habilidades para fazer diagnósticos, a fim de que suas expectativas possam ser baseadas numa compreensão mais objetiva das capacidades dos alunos.

— O ensino eficiente foi corroborado por objetivos claros e planejamento abrangente, que resultaram em tarefas bem adequadas aos objetivos do ensino e às habilidades dos alunos (OFSTED, *Relatório Anual*, 1993/1994).

É claro o desafio quanto à capacitação de professores, seja ela inicial ou em serviço: as melhorias no ensino e no aprendizado não podem ser separadas de melhorias na competência dos professores como avaliadores. Sem essa competência, muitas das mudanças que o governo quer realizar resultarão em fracasso. A Capacitação Inicial dos Professores ainda tem um longo caminho a percorrer, a fim de cobrir esta importante área do treinamento dos professores.

Uma boa capacitação do professor em técnicas de avaliação é um pré-requisito para profissionais de ensino com autoconfiança e para a cooperação dos professores na busca do sucesso de novas iniciativas. Na falta de um bom treinamento em avaliação durante a formação regular dos professores, ficou a cargo das bancas examinadoras dar apoio em serviço aos professores que preparam os candidatos para os exames. Foram criados critérios para avaliar as qualidades e competências que os cursos promovem. Este processo leva os professores a pensar com cuidado sobre as dimensões de ensino e aprendizado dos cursos. Bons materiais para servir de exemplo, demonstrando estas qualidades e competências que os professores precisam avaliar, desempenham papel importante. Examinadores e moderadores experientes trabalham com os professores no exame desses materiais e na determinação de seu valor ou

importância. O processo de reconhecimento de padrões leva muito tempo. Mas vale a pena, não apenas como um meio de aumentar a confiança do público no sistema de avaliação, mas também em termos de melhores práticas em sala de aula. O que apuramos no Reino Unido é que capacitar os professores para serem avaliadores eficientes melhora suas técnicas de ensino, beneficiando os alunos em geral. A avaliação é, portanto, considerada pelo governo um meio efetivo de produzir mudanças no currículo e nas práticas de ensino.

Este ponto pode ser ilustrado com uma referência à recente criação no Reino Unido de ensino vocacional nas escolas. A força que levou a isto proveio do reconhecimento do fato que a Grã-Bretanha está na traseira de muitos de seus competidores industriais. Existe uma crença de que, preenchendo a lacuna entre a escola e a indústria, uma força de trabalho melhor preparada irá melhorar a situação da Grã-Bretanha nos mercados comerciais mundiais. O governo, portanto, deu início a cursos vocacionais e estabeleceu um novo exame vocacional, tanto na faixa pré-16 anos como na pós-16, a *Qualificação Geral Nacional Vocacional* (General National Vocational Qualification — GNVQ). Esse exame envolve os professores no processo de avaliação. No primeiro caso, os professores estavam insuficientemente preparados para o papel, num exame novo que tinha uma linguagem de avaliação pouco conhecida e critérios muito detalhados de especificações e avaliação. Apoio em serviço e o maior envolvimento dos professores no planejamento dos cursos significaram que hoje os cursos estejam se estabelecendo nas escolas mais rapidamente do que era esperado.

Se quisermos que um bom ensino/aprendizado sejam promovidos através da avaliação, é importante que os métodos de avaliação

sejam adequados aos seus objetivos. Existe bastante evidência em todo o mundo de que, se os resultados da avaliação forem públicos e utilizados para fins avaliativos, os professores serão tentados a ensinar apenas para a finalidade de fazer seus alunos passarem nos testes. Testes ruins, concebidos de maneira restrita (e muitos testes nacionais padronizados, grandemente dependentes de itens de múltipla escolha, enquadram-se nesta categoria), podem ter um efeito limitante e destrutivo sobre o ensino e o aprendizado. Uma avaliação que valorize e promova uma ampla gama de competências — por exemplo, competências práticas em ciências ou habilidades orais em línguas — pode mudar o foco do ensino e aumentar os níveis de rendimento. O professor, como avaliador, tem um importante papel neste processo.

A avaliação dos professores e do processo de ensino

Por tradição, as escolas do Reino Unido têm sido inspecionadas regularmente pela Inspeção de Sua Majestade (Her Majesty's Inspectorate—HMI). A HMI fazia relatórios individuais sobre as escolas e publicou relatórios gerais que chamaram atenção para a qualidade do ensino. Desde 1992, a HMI passou a fazer parte da nova agência OFSTED, que hoje supervisiona a inspeção das escolas e a avaliação do trabalho dos professores. As equipes de inspetores são chefiadas por inspetores registrados, supervisionados e treinados pelo OFSTED. As equipes incluem membros leigos, bem como indivíduos da área de educação. Estas mudanças fazem parte da filosofia de levar as escolas e os professores a se responsabilizarem mais e de introduzir técnicas comerciais e de administração no processo de avaliação.

A função da inspeção, conforme foi estabelecida pelo *Education (Schools) Act* de 1992, é produzir relatórios sobre:

- A qualidade da educação oferecida pela escola.
- Os padrões educacionais atingidos na escola.
- Se os recursos financeiros da escola são administrados eficientemente.
- O desenvolvimento espiritual, moral, social e cultural dos alunos da escola.

Embora isso não seja mencionado explicitamente, o papel dos professores no processo é inevitavelmente o objeto da avaliação. Na realidade, entre os critérios para a identificação de *escolas que fracassam* encontram-se:

- desânimo ou desencanto entre os professores, incluindo alta proporção de ensino insatisfatório e baixas expectativas de trabalho:
- administração ineficiente, por parte do diretor pedagógico.

Entre as evidências utilizadas pelos inspetores para julgar os padrões de uma escola estão os resultados dos alunos nas Avaliações do Currículo Nacional nas idades de 7, 11, 14 e 16 anos. Preparar os alunos para essas avaliações é, portanto, uma função chave dos professores, e os professores estão cientes de que serão julgados por seu sucesso ou seu fracasso neste particular.

Em Aberto. Brasília, ano 15, n.66, abr./jun. 1995

Para avaliar a qualidade do ensino, o OFSTED empregou os seguintes critérios:

Até que ponto...

- os professores têm objetivos claros para suas aulas;
- os alunos estão conscientes desses objetivos;
- os professores dominam a matéria;
- as aulas têm um conteúdo adequado;
- as atividades são bem escolhidas para promover o aprendizado do conteúdo;
- as atividades são apresentadas de maneira que prendam, motivem e desafiem os jovens alunos, para permitir que progredam no ritmo desejado (*Handbook for the Inspection of Schools*. 1993).

Estes critérios reforçam os temas mencionados anteriormente neste trabalho: a importância de estabelecer objetivos, de ter bons conhecimentos da matéria e de adequar o ensino às habilidades e aptidões dos alunos. A importância da avaliação é também destacada pelo emprego que os inspetores fizeram de evidências de avaliações do trabalho dos estudantes e o registro dessas avaliações e sua apresentação em relatórios. O *Handbook* (Manual) determina que os inspetores levem em consideração o seguinte:

— a exatidão e a coerência da avaliação e o maior ou menor grau de utilização da avaliação do trabalho de cada aluno para a promoção de padrões mais elevados;

— os acertos feitos para avaliar e registrar o rendimento e o progresso dos alunos, e em que grau a escola cumpre as exigências estatutárias de registrar Avaliações do Currículo Nacional;

— a frequência e a utilidade dos relatórios para os pais;

— até que ponto as escolas analisam qualquer uma das Avaliações do Currículo Nacional, os resultados de exames externos e quaisquer outros dados de avaliação, com a finalidade de melhorar o desempenho dos alunos;

— qualquer outro ponto para ação, relacionada com a avaliação, o registro e a apresentação de relatórios.

A ênfase dada ao papel da avaliação reforça a necessidade de boa habilitação em avaliação e a importância de serem os professores preparados para este papel. Sem essas habilidades, os professores podem ser julgados de maneira injusta. Os seguintes trechos tirados de relatórios anuais do OFSTED ilustram a necessidade de serem feitas melhorias nesta importante área de avaliação nas escolas:

— Uma omissão constante em todas as escolas foi a de um sistemático monitoramento e avaliação dos padrões (*standards*) e resultados dentro de grupos numa mesma classe, entre coortes anuais e na escola em geral. Poucos professores-diretores tinham uma visão global correta dos padrões que estavam sendo alcançados.

— Poucas escolas têm uma política de avaliação totalmente consistente. Existem variações de procedimentos e julgamentos, tanto dentro de departamentos, como de um departamento para outro... Atualmente os dados da avaliação são muito pouco utilizados no planejamento do trabalho.

As inspeções das escolas fornecem os principais veículos para a avaliação dos professores no Reino Unido. Outras abordagens, como *Avaliação do Professor*, onde a atuação dos professores seria examinada e avaliada por seus dirigentes dentro das escolas, também estão sendo exploradas. Bons esquemas de avaliação exigem bom treinamento, tanto para o avaliador como para o avaliado. Os professores precisam se sentir confiantes de que o sistema vai incentivar pontos fortes e se dirigir aos pontos fracos sem ser punitivo. Uma questão de maior importância para os professores é, portanto, saber se a avaliação estará relacionada com o salário. Até que esse ponto seja esclarecido, os planos para a introdução de esquemas de avaliação do professor não terão sucesso muito rápido.